

MARÉ

DE NOTÍCIAS

DEIXA VOAR



FOTOS GABI LINO E RATÃO DINIZ | ARTE AFFONSO DALUA



EDUCAÇÃO NA MARÉ | UM BALANÇO SOBRE OS 37 DIAS DE ESCOLAS FECHADAS EM 2024
PÁGINAS 4 E 5

ARTE VISUAL | COMO O OLHAR DE NOVOS FOTÓGRAFOS ESTÁ MUDANDO A IMAGEM DAS FAVELAS
PÁGINA 9

EDITORIAL

Popularmente já sabemos que a sensação de um marco temporal, como o início de um ano, ativa no cérebro uma percepção de oportunidade para recomeçar. Mas estudos em psicologia e neurociência comprovam que essas pausas simbólicas ajudam a separar o “eu do passado” do “eu do presente”, criando uma sensação de renovação e motivação.

É com essa sensação que iniciamos mais um ano e esperamos que nossos leitores também.

Mas apesar de motivados, a gente também sabe que “se a gente não muda, nada muda”. Neste caso, o que precisa mudar especialmente este ano, é a forma como a política de Segurança Pública lida com a população do bairro Maré.

Ou então, passaremos mais um ano noticiando momentos de tensão, medo e incertezas dos moradores. Em 2024, 42 operações policiais levaram a múltiplas violações, mortes, fechamento de escolas, de unidades de saúde e dificultaram a vida dos moradores do bairro.

Gostaríamos de poder nos dedicar a dar melhores notícias neste ano. Gostaríamos de falar mais das pipas, como nesta edição. Que as pipas continuem a voar nos céus das favelas, como um símbolo de resistência e de um novo horizonte de oportunidades. E que, ao mesmo tempo, a educação, o cuidado com a saúde, o bem-estar e a paz sejam os ventos que nos impulsionem.

TARGIFOR | DICA DE SAÚDE

7 DICAS PARA TER MAIS
DISPOSIÇÃO E ENERGIA



15ª
pa-
rada
da
MARÉ
24 A 26 DE JANEIRO

PROGRAMAÇÃO

24
jan

MESA DE DEBATES

Local: Observatório de Favelas (R. Teixeira Ribeiro, 535 - Maré)
A luta das mulheres Trans no território da Maré
O resgate histórico a partir das experiências de organizações LGBTI+ da Maré

a partir de
12:30 h

25
jan

AÇÃO ITINERANTE

Muito Prazer, Eu Existo! Parem de nos matar!
Mais informações em breve!

a partir de
16:00 h

26
jan

15ª PARADA LGBTI+ DA MARÉ!

Local: Espaço Lazer (Parque União - Maré)
Apresentações artísticas, Show de Talentos, Drag
Queens, Exposição e muito mais!

a partir de
14:00 h

PREPARAD@S?

REALIZAÇÃO



PATROCÍNIO



APOIO



EXPEDIENTE

REALIZAÇÃO:

da
redesmaré
MARÉ
DE NOTÍCIAS

R. Sargento Silva Nunes, 1008A
Nova Holanda - Maré
Rio de Janeiro - RJ - CEP: 21044-242
www.mareonline.com.br
maredenoticias@gmail.com
contato@maredenoticias.com.br

APOIO:

15 Associações de Moradores
da Maré

EDITOR EXECUTIVO E COORDENADOR

Affonso Dalua

EDITORA

Ana Paula Lisboa

FOTOGRAFIA

Affonso Dalua
Af Rodrigues
Arthur Vianna
Acervo Museu da Maré/ADOV
Anthony Leeds
Amarevê
Gabi Lino
Douglas Lopes
Leo Lima
Jones
Lais Reverte
Ratão Diniz

COLABORARAM NESTA EDIÇÃO

Affonso Duala
Andreza Paulo
Dalcio Marinho
Hélio Euclides
Marcelo Bartolomei
Michel Silva
Thaynara Santos

REVISÃO

Tatiana Lima

PROJETO GRÁFICO

Affonso Dalua

DIAGRAMAÇÃO

Affonso Dalua

IMPRESSÃO

Gráfica Tribuna

TIRAGEM

10 mil exemplares

OS ARTIGOS ASSINADOS NÃO
REPRESENTAM A OPINIÃO
DO JORNAL.

PERMITIDA A REPRODUÇÃO
DOS TEXTOS, DESDE QUE
CITADA A FONTE.



PATROCÍNIO:

Targifor

APOIO:

invivo
MUSEU DA VIDA MOCRUZ

REALIZAÇÃO:

redesmaré

MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
MINISTÉRIO DE CULTURA

FALE CONOSCO:

Email: maredenoticias@redesdamare.org.br

Whatsapp: +55 21 97271-9410

REDES SOCIAIS:

Twitter: @maredenoticias

Instagram: @maredenoticias

Facebook: fb.com/maredenoticias

REDAÇÃO MARÉ DE NOTÍCIAS

Rua Sargento Silva Nunes, 1008A

Nova Holanda - Maré

Telefone: +55 (21) 3104-3276

DENGUE EXPLODE E PREOCUPA

Aumento é de 300% nos casos em 2024: médico detalha sintomas, tratamentos e prevenção da doença

MARCELO BARTOLOMEI

O alerta para a dengue está ligado! Começamos 2025, infelizmente, preocupados com os rumos que a doença pode tomar no Brasil e, principalmente, aqui na Maré. Estamos em pleno verão, época de pancadas de chuvas, e cercados por lugares sujeitos à proliferação do *Aedes Aegypti*, o mosquito transmissor da doença.

De acordo com o Ministério da Saúde, 2024 teve a média de 6,5 milhões de casos de dengue no país, um aumento de 300% em relação ao ano anterior. Daí é aquilo: infestação de mosquito, gente sendo infectada, hospitais e unidades de saúde cheias, muita gente doente e, até casos de mortes pela doença.

COMO EVITAR A DENGUE?

Infelizmente, muitos de nós vivemos em lugares em que as condições para criadouro e proliferação do mosquito são grandes. Prevenir a dengue depende bastante de cada um de nós e a gente precisa fazer nossa parte, especialmente não deixando água acumulada em casa, nos quintais e lojas. Vasos, baldes, garrafas, tudo que possa acumular água tem de ficar de boca para baixo, além de jogar o lixo em lugares adequados, valeu?

Levante a mão quem nunca conheceu alguém que tenha tido dengue. Por isso, é importante que todos estejamos conscientes! Para isso, consultamos o médico infectologista **Moacyr Silva Junior**, que trabalha no Serviço de controle de infecção do Hospital Israelita Albert Einstein, para explicar a dengue – o que causa, como se manifesta no organismo, quais as consequências e o que fazer em caso de infecção pela doença.

INFECÇÕES

Cerca de 70% das pessoas infectadas apresentam sintomas clássicos. “A grande maioria dos casos se dá de forma branda, apesar da sintomatologia ser intensa. Entre o

quinto e sexto dia, os sintomas vão desaparecendo”, explica Silva Junior. “O problema é quem não sente nada, mas está infectado. Cerca de 30% das pessoas que contraem dengue podem ser assintomáticas”, alerta o médico. Sendo assim, é importante sempre procurar um serviço médico quando estiver com algum sintoma.

O diagnóstico é feito pelo quadro clínico e por meio do exame de sangue, disponível gratuitamente no Sistema Único de Saúde (SUS). Por isso, pode demorar um pouco para bater o martelo se é ou não dengue. “Quando se tem o mesmo quadro clínico na família ou na comunidade, muitas vezes com os vizinhos tendo os mesmos sintomas, é preciso procurar o serviço de saúde local”, diz o médico.

A dengue se apresenta em quatro subtipos, com sintomas muito similares. “Na vida, uma pessoa pode ter dengue quatro vezes. O problema é que se a pessoa pegar mais de uma vez, sorotipos diferentes, ela pode ter uma resposta inflamatória maior do corpo e evoluir para a dengue hemorrágica e, sim, ir a óbito.”

VACINA

Atualmente, segundo Silva Junior, a vacina para prevenir a dengue é dada em duas doses, mas o reforço só pode ser aplicado depois de três meses da primeira injeção. Este período de “janela” é o problema, pois autoridades de saúde reconhecem que a pessoa pode adquirir o vírus ao longo desse tempo. Por isso, deve ser lançada em breve uma nova vacina, de uma dose só.

Pneus velhos são considerados um típico foco de reprodução do mosquito *Aedes Aegypti*. Por isso, evite criar áreas com lixo parado dentro de casa e nas ruas da Maré.



TRANSMISSÃO

O mosquito pica uma pessoa já infectada e suga o sangue com o vírus da dengue. Quando ele pica outra pessoa, não infectada, e injeta aquele mesmo sangue, espalha a doença.



COMO DIAGNOSTICAR

O quadro de sintomas é o primeiro passo, mas nem sempre a pessoa procura um médico, e tudo bem.

Se for à unidade de saúde, o médico pedirá exame de sangue para detectar um aumento no IGM, marcador de doenças infecciosas, e no índice NS1, presente nos três primeiros dias de sintomas.



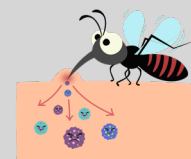
O QUE É DENGUE HEMORRÁGICA?

Também é conhecida como “dengue grave” por ser, na verdade, uma complicação da dengue. Como a pessoa já pegou uma vez, os anticorpos criados podem não dar conta da nova infecção e provocar hemorragias no corpo. É uma resposta imunológica do organismo.



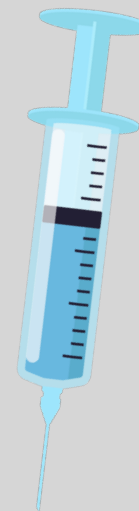
SINTOMAS

Febre alta (38 ou 39 °C);
Dor no corpo;
Indisposição generalizada (fadiga);
Dor retroauricular (atrás dos olhos).



TIPOS DE DENGUE

Existem os subtipos de dengue 1, 2, 3 e 4. Pegar mais de um sorotipo é problemático, pois pode levar à dengue hemorrágica.



TEM VACINA?

Sim! A QDenga® é uma vacina tetravalente atenuada e combate os quatro sorotipos da dengue. Ela é produzida a partir de tecnologia de DNA recombinante, para prevenir a doença e é aplicada em duas doses.

Está disponível no SUS e particulares (farmácias, clínicas e laboratórios).

Na rede pública, é aplicada somente em crianças e adolescentes entre 10 e 14 anos. Na rede privada, é indicada para indivíduos dos 4 aos 60 anos e imunocompetentes, isto é, indivíduos cujos sistemas imunológicos respondem normalmente quando em exposição a um antígeno.

EDUCAÇÃO NA MARÉ EM 2024: PERDAS, CONQUISTAS E REFLEXÕES

Violência armada fecha escolas em 37 dias, enquanto articulações nacionais exigem reparação

ADRIANA PAVLOVA

Em 2024, as escolas públicas da Maré atingiram um recorde nada desejável: 37 dias totais ou parcialmente fechadas, por conta de operações policiais realizadas no território. Desde 2016, quando o projeto *De Olho na Maré*, do eixo Direto à Segurança Pública e Acesso à Justiça da Redes da Maré, começou a monitorar as ações das polícias militar e civil, as 49 escolas municipais e estaduais das 15 favelas da região acumularam 183 dias sem aulas. O ano de 2024 foi o mais crítico até agora, com a realização de 42 operações.

Em nove anos, os cerca de 20 mil estudantes da Maré perderam quase um ano letivo inteiro, uma vez que a lei brasileira prevê a obrigatoriedade de 200 dias de aula por ano.

Os prejuízos são incalculáveis, contudo, 2024 também foi marcado por uma intensa mobilização em defesa do direito à educação na Maré. Nunca antes o número alarmante de aulas perdidas e os impactos sofridos pelos estudantes e familiares receberam tanta atenção. A imprensa ecoou os dados e as histórias de quem viveu o drama, enquanto a sociedade civil começou a pressionar por reparações pelos dias de escolas fechadas.

EDUCAÇÃO NA MARÉ

Um marco foi o 5º *Seminário de Educação da Maré*, realizado pela Redes da Maré em parceria com o Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Favelas e Espaços Populares (NEPFE) da Universidade Federal Fluminense (UFF). Em 2024, o evento abordou o tema "os impactos da violência armada na educação na Maré", ocorrido em meio a uma série ininterrupta de operações policiais que se estendeu por 13 dias.

Estiveram presentes cerca de 500 pessoas, incluindo educadores, pesquisadores, responsáveis por estudantes, psicólogos, representantes do Ministério Público e da Defensoria Pública do Rio, artistas e comunicadores. Apesar de convidados para o seminário, o secretário municipal de Educação, Renan Ferreirinha, e a secretária estadual, Roberta Barreto de Oliveira, não compareceram, enviando representantes em seu lugar. O Ministério da Educação, também convidado, não enviou representantes.

MOBILIZAÇÃO

As discussões sobre os impactos da violência armada na vida dos estudantes da Maré vêm avançando em busca de mobilização e soluções, como explica **Andréia**

Martins, diretora da Redes da Maré:

"Depois do seminário, o Ministério Público Federal pediu informações ao Ministério da Educação sobre as formas de reparação para as aulas perdidas e, em seguida, o MEC sugeriu ao Conselho Nacional de Educação a criação de uma comissão para discutir os impactos das operações policiais para estudantes de favela", explica Andréia, contando que a Redes da Maré participa agora dos Fóruns de Educação do município e do estado.

No final do ano, o Conselho Nacional de Educação (CNE) realizou uma reunião na qual os dados sobre o fechamento das escolas na Maré devido à violência armada foram apresentados como exemplo na busca por soluções a nível nacional. Entre os encaminhamentos discutidos, estão a criação de um fórum para garantir os 200 dias letivos, uma reunião do MEC com os Ministérios da Justiça e Segurança Pública e dos Direitos Humanos para tratar do tema, além de um encontro entre representantes da Redes da Maré e o Supremo Tribunal Federal.

IMPACTO NAS FAMÍLIAS

Mãe de dois filhos em idade escolar, **Maria dos Prazeres** trabalhava



limpando camarão no Rio Grande do Norte antes de se mudar para a Maré, há quatro anos. Nos primeiros meses no Rio de Janeiro, ela complementou a renda da família com a limpeza de frutos do mar, mas, devido às operações policiais e à falta de alguém para cuidar dos filhos, precisou deixar o trabalho. Isaías, o caçula de 5 anos, exige mais atenção por ser neurodivergente.

“Eu estava no trabalho, surgia uma operação do nada, eu tinha que largar tudo e vir correndo para pegar ele na escola. Foram tantas vezes que não deu mais para continuar”, relembra.

Além disso, os dias em casa comprometem diretamente o desenvolvimento de Isaías. “Ele é uma criança que gosta de ir para a escola. Sofri muito em dias de operação, porque Isaías não entende o motivo de não ir à escola, quer pegar a mochila e sair. A escola para ele é uma terapia, onde ele recebe muito suporte”, diz Maria dos Prazeres, que só tem elogios para a equipe da EDI Maria Amélia Castro Silva Berlfort, onde o filho estuda.

SUPORTE PSICOLÓGICO

A falta de suporte psicológico nas escolas é outra questão, conforme aponta a pedagoga **Daniele Elis Serpa**. Mãe de três estudantes do CIEP Samora Machel, ela trabalhou em 2024 como professora na escola em regime de contrato temporário:

“No começo de 2024, houve uma operação com tiroteio quando a gente estava na escola, descemos para o corredor para nos protegermos dos tiros. Foi o pior dia de todos, com as crianças chorando. Eu nunca vi psicó-

loga da Prefeitura para ajudar depois desses momentos de terror.”

Daniele destaca a dificuldade enfrentada pelos estudantes para realizar atividades remotas durante os dias de operação:

“As atividades são enviadas no grupo de Whatsapp, os professores entram em contato, dão assistência mas tem gente que nem tem celular ou conexão com a internet direito. A mãe mal consegue fazer comida com o tiroteio, como vai ajudar o filho nos trabalhos? A Prefeitura tem cobrado dos professores, mas quem está longe daqui não sabe o que acontece.”

EVASÃO

Jane Trajano, orientadora da Programa de Educação de Jovens e Adultos (PEJA) do CIEP Ministro Gustavo Capanema, confirma que 2024 foi um ano muito difícil. “Foram 37 dias letivos com algum tipo de ocorrência que mexeu com o cotidiano da escola. Na educação de jovens e adultos isso se agudiza porque a quebra da rotina escolar acaba fazendo com que esse aluno, que é trabalhador, fique desmotivado e desista da escola.”

O ano de 2024 também teve um marco negativo no Colégio Estadual Tenente General Napion, como conta o diretor Jorge Correia. “Pela primeira vez, em nove anos de trabalho aqui, tivemos que fechar o colégio por conta de uma mega operação no período da tarde, que chegou a fechar a Avenida Brasil. Considero este fato lamentável e entendo que os casos de violência estão aumentando a cada ano”, opina.

O QUE DIZ A SME

Procurada pela reportagem do Maré de Notícias para comentar as entrevistas, a assessoria de comunicação da Secretaria Municipal de Educação (SME) respondeu listando projetos e ações, sem especificar as escolas da Maré:

“Para minimizar o impacto dos fechamentos de escolas causados por ocorrências policiais, a SME oferece estratégias de apoio pedagógico e reforço escolar com o uso de materiais específicos para reposição. Promove a conscientização com professores e alunos através do Núcleo Interdisciplinar de Apoio às Escolas (NIAP), com psicólogos e assistentes sociais.”

Quanto ao protocolo de segurança em dias de operações, a resposta foi:

“A SME segue o protocolo Acesso Mais Seguro, do Comitê Internacional da Cruz Vermelha, que capacita escolas para minimizar os impactos da violência. São feitos contatos com os órgãos de segurança pública visando buscar a melhor decisão possível em relação às aulas, no sentido de proteger a comunidade escolar e preservar vidas.”

Agora, o desafio é continuar acompanhando o funcionamento das escolas em 2025 e manter o processo de mobilização e sensibilização de diferentes setores da sociedade, inclusive do poder público, para que o direito à educação na Maré seja plenamente garantido, conforme estabelecido pela Constituição Federal.



RAIO-X DAS FAVELAS BRASILEIRAS

Novos dados do IBGE revelam o crescimento das favelas no Brasil e refletem desafios, potências e desigualdades

DALCIO MARINHO
E HÉLIO EUCLIDES

Quando o Morro da Providência, considerada pelos historiadores a primeira favela, foi ocupado por ex-combatentes da Guerra de Canudos e negros libertos, em 1897, não se imaginou que as favelas iriam se espalhar pelo cenário do Brasil.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgou no evento *Censo Demográfico 2022: Favelas e Comunidades Urbanas - Resultados do Universo*, em novembro, na Areninha Cultural Herbert Vianna, que o número de favelas e comunidades urbanas no Brasil é de 12.348, onde vivem mais de 16 milhões de pessoas, o que equivale a 8,1% da população do país. Um aumento de 2,1% em comparação ao Censo 2010.

A QUEM SERVEM OS DADOS?

Os dados de pesquisas oficiais, como o Censo Demográfico do IBGE, são essenciais para criar indicadores sociais que ajudam o Estado a planejar e avaliar políticas públicas. Mas há um outro lado pouco explorado: o uso desses dados pelos próprios moradores de favelas para buscar soluções para suas demandas.

Historicamente, muitos serviços e melhorias urbanas nas favelas só aconteceram graças à mobilização social e às reivindicações dos moradores, e não porque estavam entre as prioridades dos governos. Por isso, divulgar os resultados do Censo com um re-

corde específico para esses territórios é um recurso valioso. Ele permite que os moradores entendam melhor suas necessidades e se organizem de forma mais eficiente na disputa por recursos e políticas públicas. Essa disputa não se limita ao poder público: também envolve fundações e empresas privadas que apoiam projetos de entidades, coletivos e lideranças comunitárias.

Os dados do Censo de 2022 sobre favelas fazem parte do mesmo levantamento realizado em todo o país, mas, até pouco tempo, acessar essas informações era complicado e restrito a poucos. Agora, o IBGE tem dado mais atenção ao recorte das favelas, o que ajuda a democratizar o acesso. Esse avanço permite que segmentos populares tenham mais autonomia para consultar e usar os dados sobre sua realidade, ampliando a produção e o compartilhamento de indicadores que antes não estavam ao alcance da maioria.

FAVELA É POTÊNCIA

De acordo com o Censo de 2022, a Rocinha é a maior favela do Brasil, com 30.371 domicílios. Já entre os conjuntos de favelas, a Maré lidera em população, abrigando 124.832 moradores. Para Vilmar Gomes, o **Magá**, presidente da Associação de Moradores do Parque Rubens Vaz, a favela é muito mais do que parece. "A Maré é um conjunto de favelas e também um bairro. Moro aqui há 53 anos e estou na diretoria da associação há 33, tudo

isso porque tenho orgulho, amo a favela e quero vê-la organizada. A favela tem potência, e o comércio local é um exemplo disso: funciona 24 horas, tem de tudo e a preços acessíveis", afirma.

Walmyr Junior, coordenador da Horta Maria Angu, em Marçílio Dias, e militante do Movimento Negro Unificado, reforça que os moradores das favelas são trabalhadores, artistas, empreendedores e, acima de tudo, cidadãos que sustentam a economia das cidades. "É evidente que os moradores de favelas desempenham um papel central na dinâmica urbana brasileira. O problema é que ainda carregamos o trauma de não sermos vistos como solução, mas sim como um eterno problema, o que alimenta o preconceito. Reconhecer as favelas como territórios de potência nos permite pensar em políticas públicas que fortaleçam suas capacidades, em vez de focar apenas nos desafios."

Para Junior, os principais desafios das favelas estão na infraestrutura urbana e no reconhecimento como parte integral da cidade. "A favela ainda reflete a desigualdade, mas, ao mesmo tempo, é um caldeirão cultural e econômico. Todos os ritmos quentes do Brasil nascem ou passam pela favela. Além disso, há negócios que impactam diretamente a economia, como a feira da Teixeira, na Nova Holanda, com alimentos frescos e baratos; a gastronomia vibrante na Praça do Parque União; e as colônias de pescadores, que, mesmo enfrentando crimes ambientais, mantêm viva a economia pesqueira da Maré", destaca.





CADA FAVELA É ÚNICA

A Maré é um conjunto de favelas, cada uma com uma cultura própria e particularidades, mesmo com a proximidade entre elas. Isso é o que argumenta **Everton Pereira**, geógrafo e urbanista social, coordenador do Eixo de Direitos Urbanos e Socioambientais da Redes da Maré.

“No Brasil é muito complicado fazer afirmações sobre favelas de maneira tão generalizada. Não tem como falar de educação, saúde, moradia, mercado de trabalho, infraestrutura, de maneira tão ampla. A Maré tem 49 escolas e oito unidades de saúde. Só que ano passado, conheci uma galera de uma favela lá no Acre, que não tem nenhuma unidade escolar e nem posto médico. Então, são muito desiguais. As favelas são caracterizadas muito mais pelo que elas não têm”, expõe.

CRESCIMENTO

O dado de que 8,1% da população brasileira vive em favelas é significati-

vo, especialmente considerando que, o crescimento da população urbana, foi de apenas 3%. Para **Lino Teixeira**, pesquisador e coordenador de políticas urbanas do Observatório de Favelas, esse aumento acelerado e desigual reflete tanto o descaso das cidades com populações periféricas, quanto a luta pelo direito à moradia. “O crescimento das favelas ocorreu num contexto marcado por arbitrariedades, violências e cerceamento de direitos, mas, ao mesmo tempo, representa a busca legítima por habitação em cidades que não só negaram esses direitos, como perseguiram populações negras e periféricas”, analisa.

O raio-x das favelas revela não apenas desafios, mas também uma força econômica e cultural em constante defesa de direitos. Teixeira destaca como as cidades crescem de forma desigual, com territórios que simbolizam a luta pelos direitos básicos. “Os dados mostram desigualdades no acesso à infra-

estrutura urbana: 25% dos moradores de favelas não têm acesso a rede de esgoto, 76% contam com coleta de lixo, enquanto a média nacional é de 83%, e 15% vivem sem rede de água. Esses indicadores urbanos clássicos também impactam áreas como educação, saúde e acesso ao mercado de trabalho”, ressalta.

Além disso, ele observa que a proporção de pessoas pretas e pardas vivendo em favelas é muito superior à média nacional, evidenciando como racismo e desigualdade estão entrelaçados nesse processo. “Tudo isso reflete as desigualdades estruturais que persistem nas cidades brasileiras”, conclui.



BEM-ESTAR ANIMAL

Doação, adoção e cuidado: caminhos para apoiar os animais de rua da Maré

ANDREZZA PAULO
E MICHEL SILVA

Um estudo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), realizado em 2019, estimou a existência de cerca de 20 mil animais (cães e gatos) vivendo nas ruas da Maré em condições precárias, sem acesso à alimentação adequada, água potável, abrigo ou cuidados veterinários. Com a pandemia de COVID-19 e a crise econômica, esse número pode ter aumentado, impulsionado pelo abandono de animais.

A adoção de animais de rua surge como uma alternativa para enfrentar o problema, embora o número de adoções ainda seja menor do que o de abandonos. Nas favelas da Maré, esse movimento tem ganhado força nos últimos anos graças a campanhas de conscientização promovidas por ONGs e abrigos locais.

Adotar um animal de rua é um gesto de amor e responsabilidade que transforma vidas: além de oferecer um lar ao animal, traz alegria, companheirismo e um novo significado à vida de quem o acolhe.

DESAFIOS E RESPONSABILIDADES

Apesar do ato de compaixão, os cuidados são fundamentais para o controle de doenças. Entre as principais zoonoses infecciosas, que os animais de rua podem transmitir estão: a raiva, a dermatofitose, leishmaniose, toxoplasmose, geohelmintos e, a mais comum, a esporotricose, que causa lesões e coceira na pele.

O médico veterinário e chefe do Laboratório de Pesquisa Clínica em Dermatozoonoses em Animais Domésticos (Lapclin-Dermzoo/INI/Fiocruz), **Sandro Antonio Pereira**, aponta que a desparasitação e a vacinação são medidas cruciais para manter a saúde, tanto dos animais de rua, quanto daqueles que os acolhem.

“A desparasitação, que envolve o uso de medicamentos contra pulgas, carrapatos e vermes intestinais, é fundamental para prevenir inúmeras doenças que podem ser transmitidas dos animais para os seres humanos”, explica o médico.

QUALIDADE DE VIDA

A média de vida de cães e gatos é de cerca de 15 anos. Sandro destaca que, mesmo em ambientes urbanos precários, como as favelas, é possível oferecer qualidade de vida aos animais. “É importante garantir acesso regular à comida, disponibilizar água limpa e fresca, já que em áreas urbanas pode ser difícil para os animais encontrarem fontes adequadas, e fornecer abrigo para protegê-los de condições climáticas adversas, como chuva, vento e sol forte”, afirma.

AFETO EM DUAS VIAS

O Espaço Normal, centro de referência da Redes da Maré sobre drogas e saúde mental, oferece acolhimento a pessoas em situação de rua e vulnerabilidade. Com foco na redução de danos e no bem-estar social, o local é um ambiente inclusivo, recebendo tanto os “normais” — como são chamados os frequentadores — quanto seus companheiros animais.

Elivanda Canuto, psicóloga no Espaço Normal, fala da importância desse vínculo: “O sentimento de solidão é comum a parte da população em situação de rua, com rupturas significativas da sua rede familiar. Os animais de estimação assumem papel importante na construção de outros afetos, sentimentos e novos olhares sobre cuidados. Essa relação favorece e fortalece a pessoa, possibilitando cada vez mais a ampliação do autocuidado.”

ADOTE E AJUDE

Se você está pensando em ter um animal de estimação, considere adotar um animal de rua. Caso não possa adotar, mas queira contribuir com a causa, procure um abrigo e faça doações para a manutenção do espaço.

Na Maré, o abrigo Focinhos da Maré, localizado na Praia de Ramos, é um dos destaques nesse trabalho, feito por Heloísa Gomes. Com mais de 20 anos de dedicação ao resgate e cuidado de animais de rua, o abrigo abriga atualmente mais de 100 cães e gatos, enfrentando diariamente o desafio de prover alimentação e cuidados para todos.

As doações podem ser feitas pelo Pix sosfocinhosdamare@gmail.com ou entrando em contato com Heloísa pelo WhatsApp (21 99232-9529) ou Instagram (@sosfocinhosdamare).

ABANDONO É CRIME

Vale lembrar que o abandono de animais é crime, previsto na Lei Federal 9.605/98. A população pode denunciar casos de abandono e maus tratos através da Central 1746. Isso ajuda a garantir que os animais recebam a assistência necessária e que os responsáveis pelos maus tratos sejam responsabilizados.



IMAGENS RECONSTRUINDO MEMÓRIAS

AFFONSO DALUA

A fotografia, nas últimas décadas, transformou-se em uma ferramenta essencial para questionar narrativas e recontar histórias de territórios favelados e periféricos. Fotógrafos e fotógrafas têm usado suas lentes para reconstruir memórias, resgatar identidades e afirmar a resistência das populações desses espaços. Lais Reverte e a mareense Jones são exemplos desse movimento, explorando a conexão entre território, ancestralidade e arte contemporânea.

DIÁLOGO VISUAL

Cruzando experiências pelos becos e vielas, as obras das artistas se encontram na fotoperformance, apresentando identidades e narrativas faveladas e produzindo cenários de resignificação, transformando memórias e vivências em arte visual.

A fotoperformance combina elementos artísticos da performance (dança, música, teatro, moda) e da própria fotografia. Nela, a ação performática é concebida especificamente para ser capturada pela câmera, resultando em uma obra de arte fotográfica.

Jones, cria do Conjunto Esperança, constrói as narrativas a partir de histórias orais e registros de fotografia analógica, costurando memórias de famílias pretas no território de favela. A pesquisa dela questiona o apagamento histórico ainda em curso e busca reescrever imagens que antes viviam apenas na oralidade. Para Jones, a fotografia é mais do que uma técnica, é uma forma de preservar a memória ancestral e garantir que as histórias do povo preto não sejam esquecidas.

Lais Reverte nasceu no Espírito Santo, mas atualmente vive na zona norte do Rio. Na obra "Foluke, O Protegido", ela explora a fé e a resistência de um jovem negro que busca nos orixás a força para superar as adversidades da vida urbana. O nome Foluke, que significa "aos cuidados da mão de Deus", simboliza a esperança e a proteção divina que o guia em sua jornada. Ele carrega a força dos orixás como bússola para superar os desafios do morro e manter os sonhos vivos.

Ambas as artistas revelam, por meio de suas lentes, mundos em que o concreto e o espiritual coexistem, desafiando os limites entre a realidade e a imaginação.

TRANSFORMAÇÃO IMAGÉTICA

Na Maré, o movimento da fotografia popular nasce com iniciativas como o programa Imagens do Povo, do Observatório de Favelas, localizado na Nova Maré, que há 20 anos forma fotógrafos e fotógrafas, fortalecendo a produção de narrativas sobre as favelas do conjunto. Nomes como Arthur Vianna, Affonso Dalua, Gabi Lino, Kamila Camillo, Douglas Lopes e Patrick Marinho vêm rompendo estereótipos, construindo movimentos de preservação de memórias a partir das próprias experiências enquanto favelados. Estes artistas têm direcionado pesquisas deles para lugares particulares, que colocam a Maré como um dos principais produtores de fotografia popular no Brasil, produzindo uma documentação imagética única sobre as 15 favelas, com linguagens visuais que vão do documental à performática.

Esses artistas, ao lado de Jones e Lais, resignificam a fotografia ao torná-la uma ponte entre a memória coletiva e as expressões contemporâneas. Jones define de forma poética que: "assim como o fotolivro no botão, costuro memórias em tecidos até que se prendam no tempo do contar". As obras dela são uma forma de reafirmar a existência, resgatar identidades e garantir que histórias sejam fixadas no tempo.

ARTE CONTEMPORÂNEA

Ao longo dos últimos anos, a fotografia popular foi além do registro cotidiano e passou a dialogar diretamente com as artes contemporâneas, explorando novas estéticas. Vão desde editoriais com direção de arte, fotografias acompanhadas de instalações e áudios a outros formatos como as pipas e cangas do fotógrafo Arthur Vianna. Lais Reverte se insere nesse contexto com produções performáticas que transcendem o documental, enquanto Jones, com sua linguagem única, costura identidade e ancestralidade em uma narrativa profundamente conectada à história da própria família e as favelas da Maré.

Essa transição não é apenas estética, mas política. Ela reafirma a favela como espaço de produção cultural de alta relevância, onde as histórias são narradas por quem vive nela. As obras são manifestações de resistência e potência criativa, ampliando o alcance das vozes faveladas e periféricas no cenário das artes visuais contemporâneas. Sobretudo, mostram como a fotografia pode ser uma ponte poderosa entre o passado, o presente e o futuro das favelas e periferias do Brasil.

FOTO AFFONSO DALUA, LAIS REVERTE E JONES



DEIXA VOAR

A tradição favelada que corta os céus

THAYNARA SANTOS

Sacola plástica, jornais velhos, papel de seda, vareta de bambu ou fibra, palito de churrasco, linha de barbante, nylon, com ou sem rabiola. No Rio: pipa! No Brasil? Cafifa, arraia, morcego, papagaio, pandorga, cometa e, por aí vai.

Quem não tem habilidade manual, não fica de fora. O troco do pão, religiosamente economizado durante a semana, tem destino certo: o modelo com a arte mais bonita da barraquinha.

Como explica a Associação de Pipas Artísticas e Esportivas do Estado do Rio de Janeiro (Aperj), pipa é “arte, esporte e lazer”. Uma tradição milenar, ensinada de geração em geração, sem idade mínima ou máxima para participar.

A brincadeira ficou tão séria que já ganhou até espaço no calendário de comemorações. No Brasil, o dia 29 de julho é data para celebrar a importância da pipa como patrimônio cultural, histórico e artístico. Internacionalmente, a comemoração é no dia 14 de janeiro.

PIPA TERAPÊUTICA

Falar sobre a tradição de soltar pipas nas favelas e periferias do Rio de Janeiro é discutir cultura, identidade e o direito à cidade – tanto ao território quanto aos seus moradores. A dissertação: *O soltar pipa como forma de cuidado: uma arte negra do viver*, de **Felipe Fernandes da Silva e Abrahão de Oliveira Santos**, da Universidade Federal Fluminense (UFF), investiga como a ludicidade das pipas se tornou uma ferramenta para que, quatro jovens negros e periféricos com cerca de 20 anos, reconstruíssem a autoestima e o sentimento de pertencimento ao território. Um território marcado pelas cicatrizes do racismo, da violência e da desigualdade

de social. O Conjunto de Favelas da Maré é um exemplo emblemático dessa realidade: até 9 de dezembro de 2024, o bairro havia registrado 42 operações policiais.

No estudo, a trajetória de um dos jovens ganha destaque. Assim como os demais participantes, Martin – nome fictício – fazia acompanhamento terapêutico regular no Centro de Atenção Psicossocial (Caps). Após enfrentar inúmeras situações de bullying e racismo, que desencadearam um quadro de esquizofrenia, o jovem e a família decidiram se mudar para Rio das Ostras, buscando um recomeço. No entanto, o isolamento só agravou a situação: as quatro paredes de casa tornaram-se seu mundo. Foi a partir dos encontros entre os jovens e os pesquisadores, que, esse cenário começou a se transformar.

A pipa, que tinha todo o céu como limite, inspirou o grupo a ir além do quintal de casa ou do espaço da unidade de saúde. Assim, passaram a soltar pipas em locais como pastos, campos de futebol, lagoas e outros cantos, que oferecessem mais liberdade. Para quem observa de fora, a atividade pode parecer solitária ou despreziosa, mas, ao refletirmos sobre como algo tão simples transformou a vida de quatro jovens negros, percebemos como soltar pipa vai muito além do que aparenta. É uma prática que envolve conviver em



coletivo, competir “à brinca ou à vera”, ajudar ou pedir ajuda a um amigo, e aprender a lidar com o que foge ao nosso controle — como a chuva, o vento e o sol. Acima de tudo, é uma forma de disputar o direito à cidade.

VOA, CRIA!

Em 2023, **Arthur Vianna**, fotógrafo e artista mareense, lançou a exposição Voa, Cria!. O projeto transformou suas fotografias, que antes estavam arquivadas, em estampas para as pipas de centenas de jovens pipeiros, ocupando tanto o céu da Maré quanto espaços culturais, como a Galeria L da Arena Carioca Dicró, na Penha.

No mesmo ano, Arthur também promoveu festivais de pipa que reuniram crianças e jovens das favelas da Maré. Durante as férias escolares, muitos participaram de oficinas para confeccionar suas próprias pipas, criando uma conexão ainda mais pessoal com o processo. Para Arthur, a arte sempre foi um meio de expressão e um legado que reforça a existência dele e a de sua comunidade. Ele queria que as pessoas, que retratou nas fotos, sentissem essa importância. Foi quando, em 2021, começou a entregar as imagens emolduradas como presente, mas percebeu que um quadro não tinha uma finalidade prática para uma criança. Embora o gesto pudesse ganhar significado ao longo dos anos, ele buscava algo mais imediato, que causasse impacto instantâneo.

Foi assim que surgiu a ideia de estampar sua arte nas pipas. Para Arthur, as pipas são objetos atemporais, símbolos de desejo e poder entre crianças e jovens, além de dialogarem diretamente com sua linguagem

artística e com o universo infantil. Ele explica como seu olhar fotográfico é profundamente influenciado pelo estado emocional: “Não é apenas sobre fazer boas fotos ou pensar na composição e no enquadramento. Meu humor determina o que consigo capturar. Muitas vezes, só consigo fotografar aquilo que expressa o que estou sentindo. Mas é inegável que os dias em que consigo fotografar são dias felizes”, conclui.

A PIPA PELO MUNDO

Os primeiros registros sobre a criação do que hoje em dia conhecemos como pipa, datam de 1.200 anos antes de Cristo. Segundo consta na história, sua estrutura não difere muito do que já conhecemos. As pipas que cortavam os céus da China eram feitas de seda e bambu, e impressionavam pelo tamanho gigantesco, “capazes de transportar um homem no ar”, e pelas cores vibrantes.

Com o tempo, a prática de soltar pipas deixou de ser exclusiva dos militares chineses e se espalhou pela Ásia como uma forma de entretenimento para as famílias. No século 12, a tradição chegou à Europa, integrando-se às brincadeiras locais. Mais do que um simples passatempo, a pipa desempenhou um papel essencial em diversas áreas. Na ciência, foi fundamental para experimentos como os de Benjamin Franklin, que culminaram na invenção do pára-raios. Na aviação, inspirou pioneiros como Santos Dumont nas criações. E, na arte, influenciou gênios como Leonardo da Vinci, que desenhou várias máquinas inspiradas em seu funcionamento.

No Brasil, as informações quanto a chegada da pipa são incertas. Alguns dados apontam que os portugueses foram os responsáveis por trazer a novidade da China, no século 16. Outras fontes dizem que, a herança, pode ser mais uma trazida pelos africanos escravizados, que a usavam para alertar sobre possíveis invasores no Quilombo dos Palmares.



